



SEMINÁRIO NEGRAS E NEGROS NO CEARÁ ESCRITAS, ATIVISMOS E SOCIEDADE

6 A 8 DE
AGOSTO DE 2019

URCA

POR UMA LINGUÍSTICA ANTIRRACISTA, DECOLONIAL E MILITANTE

Marco Antônio de Lima Bonfim (Pós-doutorando / MAIE /MIHL/ UECE)¹

Resumo

O conceito de língua enquanto uma noção científica ocidental para investigar a linguagem humana é uma invenção política-linguística-retórica. A ideia de língua como um sistema linguístico fechado em si e por si, fundada pela linguística moderna saussureana serviu (e ainda serve) como um instrumento da colonização e da colonialidade do saber/ser/poder (MIGNOLO, 2006; MALDONADO- TORRES, 2016, PINTO, 2010). Desse modo, faz-se necessário *descolonizar a noção língua* herdada dessa tradição eurocêntrica visando a construção de novas configurações de conhecimento e de poder acerca de nossas práticas linguísticas rumo a uma *Linguística Decolonial*. Nesse sentido, esta apresentação é oriunda de minhas recentes reflexões, como um linguista aplicado negro e militante, acerca dos ganhos epistêmicos oriundos de publicações de vários linguistas brasileiros/as (ALENCAR, 2014, MUNIZ, 2016; RAJAGOPALAN, 2003, 2004, 2014; MOITA LOPES, 2006; 2013; SILVA, 2014; SIGNORINI, 2008; 2018; PINTO, 2010, 2013) no que se refere a uma virada decolonial, antirracista e militante no modo de teorizar e praticar linguística neste cenário sociolinguístico-político-cultural-econômico cada vez mais complexo, especificamente aqui Brasil. Para tanto, além destas/es autoras/es mobilizarei, junto ao meu ato de fala (AUSTIN, 1962), autoras/es negras/os, como Grada Kilomba (2016), Frantz Fanon (2008), bell Hooks (2013), Sinfrey Makoni; Ulrike Meinhof (2006) e Nilma Lino Gomes (2017).

Palavras-chave: Linguística Decolonial, Língua, racismo epistêmico.

¹marcoamando@yahoo.com.br